



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

KELIANE RIBEIRO DA SILVA

**PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO DOS
UNIVERSITÁRIOS EM UMA FACULDADE DE RONDÔNIA**

ARIQUEMES – RO

2014

Keliane Ribeiro da Silva

**PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO DOS
UNIVERSITÁRIOS EM UMA FACULDADE DE RONDÔNIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Farmácia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Prof.^a Orientadora: Ms. Vera Lúcia Matias Gomes Geron

Ariquemes – RO

2014

Keliane Ribeiro da Silva

**PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS EM
UMA FACULDADE DE RONDÔNIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Farmácia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador Prof^a.: Ms Vera Lúcia M. Gomes Geron
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Prof^a.: Ms. Filomena Maria Minetto Brondani
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Prof^a.: Esp. Jucélia da Silva Nunes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA

Ariquemes, 01 de dezembro de 2014

Aos meus amados pais, Célia Leite Ribeiro da Silva e
Aparecido Tristão da Silva, pelo amor, atenção,
dedicação, carinho e confiança que me concederam,
em toda a vida. A minha doce irmã Mickelen Ribeiro da
Silva por sempre ter uma palavra de incentivo e força.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, por iluminar meu caminho, e me permitir chegar até aqui, realizando um sonho de uma vida.

Agradeço aos meus pais, Célia e Aparecido, pelo incentivo, por estarem sempre do meu lado, lutando junto comigo. Obrigada por nunca deixarem me faltar nada, principalmente o amor e a confiança de vocês.

A minha linda irmã Mickelen, pelo carinho, pelas palavras de conforto que sempre me deu, mesmo estando longe. Obrigada por acreditar em mim e fazer de mim, o seu espelho.

A minha querida amiga Marcia Shirley de Oliveira, pelo companheirismo em todos esses anos de curso, pelas palavras amiga, pela grande força na minha pesquisa, pela amizade.

A minha orientadora e coordenadora, Ms. Vera Lúcia Matias Gomes Geron, pela grande ajuda e dedicação que concedeu a mim, pois sabemos quão trabalhoso foi o decorrer desses dias. Sempre serei grata.

Ao professor Ms. Nelson Pereira da Silva, pelas sugestões ao meu trabalho e pela contribuição em todos esses anos como coordenador e professor do curso de Farmácia.

A todos os professores que de alguma forma contribuíram para minha formação, e com carinho aos professores que fizeram parte da minha banca examinadora.

Aos estudantes da faculdade, que colaboraram para realização da minha pesquisa.

Aos meus familiares e amigos que mesmo estando distantes sempre torceram e acreditaram em mim, por compreenderem a minha ausência em muitos momentos importantes e comemorativos.

O meu muito obrigada!

RESUMO

A automedicação é uma prática comum e antiga, pode ser definida como o ato de utilizar medicamentos sem prescrição médica, tendo o conceito de autocuidado. O medicamento quando utilizado de forma indiscriminada, pode não levar aos efeitos esperados, além de ocasionar danos para o organismo. Vários fármacos que deveriam ser utilizados apenas com prescrição médica são vendidos de forma indiscriminada no estabelecimento farmacêutico. O objetivo desse trabalho foi analisar a prática da automedicação em universitários de uma faculdade de Ariquemes, Rondônia. Foi realizado um estudo de prevalência, descritivo do tipo transversal quantitativo, aplicando um questionário à 120 acadêmicos referentes aos cursos de farmácia, fisioterapia, enfermagem, educação física, psicologia e química. Pôde verificar que os acadêmicos aderem a prática da automedicação e estão cientes dos riscos que esta pode causar. A classe de medicamentos mais usada pelos estudantes são os analgésicos/antitérmicos, seguido dos anti-inflamatórios. Por serem estudantes da área da saúde, o conhecimento favorece a essa prática, fornecendo maior segurança.

Palavras-chave: Automedicação, Uso Racional de Medicamentos, Assistência Farmacêutica, Estudantes da Área da Saúde.

ABSTRACT

Self-medication is a common and ancient practice can be defined as the act of using non-prescription drugs, and the concept of self-care. This practice is common among women and students in the health field. The product when used indiscriminately, can not lead to the expected effects and cause damage to the body. Several drugs that should be used only by prescription are sold indiscriminately in the pharmaceutical establishment, noting that the pharmacy is not yet recognized as a health unit. The aim of this study was to analyze self-medication in an university of Ariquemes, Rondônia. A prevalence study, quantitative descriptive cross-sectional was performed by applying a questionnaire to 120 academic related courses to pharmacy, physical therapy, nursing, physical education, psychology and chemistry. It Was the able to verify that the students adhere to self-medication and are aware of the risks that this may cause. The class of drugs most often used by students are the analgesic / antipyretic, followed by antiinflammatories. Because they are students in the health field, knowledge favors this practice, providing added security.

Keywords: Self-Medication, Rational Use of Medicines, Pharmaceutical Care, Students in The Health Field.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sexo e automedicação	23
Figura 2 - Medicamentos com prescrição médica	24
Figura 3 - Frequência da automedicação no último ano.....	25
Figura 4 - Problemas relacionados a automedicação.....	25
Figura 5 - Conhecimento dos efeitos adversos.	27
Figura 6 - Classes de medicamentos mais utilizadas na automedicação.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial em Saúde
ABIFARMA	Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas
EUA	Estados Unidos da América
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SINITOX	Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxicas Farmacológicas

Sumário

INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 AUTOMEDICAÇÃO.....	12
2.2 RISCO DA AUTOMEDICAÇÃO	13
2.3 USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS	15
2.4 PERFIL DOS ESTUDANTES QUE PRATICAM AUTOMEDICAÇÃO.	16
2.5 AUTOMEDICAÇÃO E O MARKETING	18
2.6 A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO NA AUTOMEDICAÇÃO.....	18
3 OBJETIVOS	21
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
4 METODOLOGIA.....	22
RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática antiga, ela existe desde o início da história da humanidade, nas diferentes etapas da evolução histórica, todas as culturas procuravam o alívio e a cura das doenças, por meio da utilização de uma variedade de recursos terapêuticos. (REY, 1997)

Ela pode ser definida como a prática de utilizar medicamentos sem prescrição médica, onde o paciente faz o uso por conta própria, tendo um conceito de autocuidado. Embora, alguns medicamentos sejam de venda livre (sem prescrição médica), não quer dizer que são isentos de riscos. Essa prática pode causar melhora de sintomas, mas por outro lado trazer prejuízos irreparáveis à saúde do indivíduo, tais como: mascaramento dos problemas de saúde, intoxicação, reações adversas, interações medicamentosas, desenvolver resistência, entre outras. (GALATO et al., 2012)

Vários são os fatores que favorecem o uso irracional de medicamentos, como a prática de venda indiscriminada de medicamentos, a propaganda de medicamentos de venda livre na mídia que acaba incentivando a população ao consumo, o sistema de saúde inadequado, além do custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulares. (SCHMID et al., 2010)

A propaganda massiva e a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e supermercados causa a impressão de que são produtos livres de riscos. O que estimula o uso indiscriminado e, que nem sempre resulta em efeitos desejados e seguros, e expõem os consumidores a reações indesejadas, as reações adversas, essas que só aumentam, devido ao consumo elevado de medicamentos que tem sido frequente. (NAVES et al., 2010)

O mau uso de medicamentos pela população é um problema com grande intensidade no Brasil, e no mundo, podendo causar sérios danos à saúde dos usuários. Sendo assim, o intuito da pesquisa é verificar a postura dos universitários perante essa prática.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação tem sido um dos problemas de maior complexidade da saúde pública. a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que pelo menos metade dos medicamentos sejam prescritos ou vendidos de forma inadequada e, destes, metade são consumidos de maneira incorreta. Prática que resulta do livre comércio e do uso abusivo de medicamentos pela falta de fiscalização. (SILVA et al., 2011)

Diversos fatores influenciam a prática da automedicação, como a carência de informação e instrução à população a respeito dos riscos que podem causar. (SILVA et al., 2008)

Das diversas formas de aquisição de medicamentos para automedicação está a aquisição de medicamentos sem receita, o compartilhamento dos medicamentos com os demais membros da família ou círculo social, a reutilização de sobras de medicamentos de tratamentos anteriores e a utilização de prescrições antigas, ao prolongando ou interromper o tratamento sem o consentimento do médico ou outro profissional de saúde. Vale ressaltar que esta prática em alguns casos é influenciada por amigos, familiares e até por balconistas de farmácia. Bem como os meios de comunicação incentivam o uso de medicamentos por conta própria, sem a recomendação de um médico, fato conhecido como automedicação. (BECKHAUSER et al., 2010)

A prática de consumo de medicamentos por conta própria pode ser evitada pela sociedade se as políticas nacionais promoverem sua regulamentação e a disponibilização racional de medicamentos essenciais. Mas se o acesso for sem controle e com a promoção e publicidade atual, acaba estimulando a utilização medicamentosa de forma desnecessária e irracional. Importante ressaltar que uso de medicamentos por conta própria, inicialmente pode parecer normal e sem apresentar malefícios, porém, os efeitos prejudiciais podem aparecer com o tempo e trazer graves problemas de saúde ao usuário, devido a continuidade do ato. Para evitar esse tipo de prática o sistema governamental de saúde precisa estar atento às

razões e as formas de uso irracional de medicamentos. É necessário verificar a amplitude do problema, identificar estratégias e monitorar o impacto das possíveis intervenções necessárias. (NAVES et al., 2010)

No contexto de um sistema de saúde muitas vezes insatisfatório, não são percebidos os aspectos definitivos das enfermidades, então, os medicamentos assumem um papel de instrumento de “solução” para o problema. Onde essa medida pode apenas aliviar os sintomas da doença, não sendo tratado a sua causa. É importante ressaltar que a visão simbólica do medicamento permeia não apenas o consumo pela população, como também as práticas dos profissionais de saúde. (NAVES et al., 2010)

2.2 RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação é uma atitude que se torna cada dia mais comum entre a população brasileira. O abuso de várias classes de medicamentos na maioria das vezes ocorre sem o conhecimento do efeito do mesmo, além dos efeitos colaterais, podem provocar consequências ao usuário, problemas para a saúde, já que, muitas vezes o uso indiscriminado de alguns compostos farmacológicos pode prejudicar o diagnóstico, mascarar sintomas ou até mesmo acarretar o agravamento da condição clínica dos indivíduos. (SARTI et al., 2012)

Quando utilizado de forma indiscriminada, o medicamento pode além de não causar o efeito desejado, pode ocasionar danos para o organismo ao atingir órgãos que não estão doentes. Como por exemplo, a vitamina C que pode gerar distúrbios gastrointestinais e cálculo renal. Os analgésicos podem causar lesão aguda na mucosa gástrica e são contraindicados para pacientes que tiveram úlcera ou para o tratamento da dengue, pois podem provocar sangramentos e hemorragias internas. (ARRAIS et al., 1997)

Conforme dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX), os benzodiazepínicos, antigripais, antidepressivos, antiinflamatórios são as classes de medicamentos que mais intoxicam no Brasil. Faixa de 35% dos casos de intoxicação de medicamentos, é relatado em crianças menores de 5 anos. Em 2009 foi registrado 100.391 casos de intoxicação no Brasil,

sendo que a intoxicação por medicamentos foi a de maior ocorrência, representando 26,44% dos casos. (BRASIL, 2009a; BRASIL, 2009b)

No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), na década de 90, cerca de 80 milhões de pessoas foram adeptas da automedicação. Sendo a maior incidência de problemas envolvendo esta prática estava ligada à intoxicação e às reações de hipersensibilidade ou alergia. Dados apontam que os medicamentos eram responsáveis por 28% dos casos de intoxicação humana no país, sendo os benzodiazepínicos, os medicamentos utilizados para o tratamento dos sintomas da gripe, os antidepressivos e os anti-inflamatórios as classes de medicamentos que mais intoxicavam. (BORTOLON et al., 2007)

No Brasil, onde o acesso à assistência médica pública é difícil e, onde se encontra uma grande parcela da sociedade na faixa da pobreza, e não possuem condições financeiras para pagar um plano de saúde, a prática da automedicação tornou-se bastante comum. O baixo poder aquisitivo da população e a precariedade dos serviços de saúde contrastam com a facilidade

de obter medicamentos, sem pagamento de consulta e sem receita médica em qualquer farmácia, onde, não raro, encontra-se o estímulo do balconista interessado em ganhar uma comissão pela venda. A familiaridade do leigo com os medicamentos, as experiências positivas anteriores e a dificuldade de acesso a serviços de saúde são fatores que também contribuem para a automedicação. (AQUINO, 2010)

Vários fármacos que deveriam ser utilizados apenas com prescrição médica são vendidos de forma indiscriminada em estabelecimento farmacêutico, isso porque, no Brasil, a farmácia não é reconhecida com uma unidade de saúde e, sim, como um ponto comercial de vendas de fármaco e produtos correlatos. (SILVA, 2013)

2.3 USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

Vários fatores têm contribuído para aumentar o uso inadequado de medicamentos, bem como o poder das indústrias que influenciam as autoridades, os médicos, os pesquisadores e os usuários de medicamentos, a multiplicação indiscriminada de similares, as propagandas enganosas, a apresentação de

pesquisas científicas duvidosas, o alto custo dos medicamentos, o número excessivo de farmácias, a pouca atuação do farmacêutico nas farmácias comerciais, a indicação de medicamentos pelo balconista das farmácias, a possibilidade de compra de muitos medicamentos sem receita médica, a precariedade do sistema público de saúde e as prescrições indevidas. (CORRÊA et al., 2013)

Os medicamentos são os tratamentos mais utilizados nos serviços de saúde, sendo que, nos países em desenvolvimento, cerca de 30% dos recursos da saúde são destinados para esses produtos. Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que 50% de todos os medicamentos usados no mundo são prescritos, dispensados, vendidos ou usados de maneira incorreta. 66% dos antibióticos comercializados são vendidos sem receita, e o uso indevido de medicamentos é uma das 10 principais causas de mortalidade nos EUA. (TOURINHO et al., 2008)

Diante desse cenário, tanto países desenvolvidos como em desenvolvimento têm investido em programas com o objetivo de reduzir o uso irracional de medicamentos, utilizando, com o apoio da OMS, medidas regulatórias visando à promoção do uso racional de medicamentos. (TOURINHO et al., 2008)

Entre estas, podem ser citadas o registro de medicamentos mediante evidências de que sejam seguros, eficazes e de boa qualidade; a revisão da classificação de medicamentos sob prescrição, incluindo a limitação de certos medicamentos a serem disponibilizados apenas sob prescrição e não como venda livre; o estabelecimento de padrões educacionais para os profissionais de saúde, com fortalecimento do cumprimento dos códigos de conduta, em cooperação com o registro de profissionais de saúde (médicos, farmacêuticos, enfermeiros e demais profissionais), assegurando que tenham a necessária competência para a prática relacionada com diagnóstico, prescrição e dispensação; o licenciamento de estabelecimentos farmacêuticos (farmácias e distribuidoras), assegurando que cumpram todos os padrões de funcionamento e de dispensação; a monitorização e regulação da propaganda de medicamentos, assegurando informação ética. (TOURINHO et al., 2008)

2.4 PERFIL DOS ESTUDANTES QUE PRATICAM AUTOMEDICAÇÃO

Em uma pesquisa realizada no município de Recife no ano de 2005, com 223 estudantes de uma mesma instituição acadêmica, distribuídos entre os cursos

de educação física, farmácia, enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, evidenciou-se que o maior número de participantes que praticam a automedicação foi do sexo feminino (61,4%). Em relação à faixa etária o maior número de participantes apresentava idade entre 20 e 22 anos (57%). Sendo que 39% cursavam o quarto e o sexto período. Do total 98% eram solteiros (as) e pouco mais de 42% apresentavam uma renda familiar entre seis e dez salários mínimos. Aproximadamente 65,5% dos entrevistados confirmaram ter feito uso de medicamentos nos últimos quinze dias. Sendo que 42,3% fizeram uso de medicamentos mediante prescrição médica, enquanto, 57,7% disseram terem sido influenciados pela mídia, parentes, amigos, balconistas de farmácia dentre outros. (AQUINO et al., 2010)

Os medicamentos mais utilizados nos últimos quinze dias pelos estudantes foram analgésicos e vitaminas. Dentre os motivos que levaram os estudantes a fazerem uso desses medicamentos, destacou-se a dor (30,5%) especialmente cefaleia, dores musculares e dismenorreia, seguida de suplementação alimentar (12,7%) e resfriados (10,8%). Entre os entrevistados 70,8% justificou o uso de medicamentos sem receita médica pelo conhecimento acerca do medicamento, seja por usá-lo há muito tempo, ou, prescrição médica anterior e medicamentos de uso familiar, 18,6% dos participantes alegaram falta de tempo de ir a um médico e 10,6% marca o difícil acesso ao sistema de saúde, razões financeiras, comodidade e a não necessidade de buscar cuidados médicos. (AQUINO et al., 2010)

Tabela: 1- Medicamentos mais consumidos entre acadêmicos da área da saúde.

MEDICAMENTOS	CURSOS							
	Medicina		Farmácia		Odontologia		Enfermagem	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Analgésicos Antitérmicos	307	93,03	153	94,44	102	82,92	28	90,32
Antiinflamatórios	242	73,33	123	75,92	98	79,67	28	90,32
Xarope para tosse	193	58,48	128	79,01	88	71,54	20	64,51
Antiasmático	20	6,06	8	4,93	5	4,06	3	9,67
Antibiótico	172	52,12	93	57,40	77	62,6	24	77,41
Antidepressivo	23	6,96	9	5,55	7	5,96	3	9,67
Corticóides sistêmicos	16	4,84	29	17,9	5	4,06	5	16,12
Corticóides nasais	52	15,75	33	20,37	19	15,44	11	35,48
Descongestionantes nasais	188	56,96	100	61,72	78	63,41	21	67,74
Antialérgicos/Anti- histamínicos	124	37,57	47	29,01	48	39,02	12	38,70
Fármacos para gripe e resfriados	270	81,81	149	91,97	109	88,61	29	93,54
Fármacos para permanecer acordado	90	27,27	23	14,19	29	23,57	7	22,58
Fármaco para dormir	75	22,72	17	10,49	21	17,07	7	22,58

Fonte: SILVA et al., 2011

Segundo estudo realizado por Musial et al., (2007), o ato de automedicar-se é mais frequente entre mulheres. A predominância do uso de medicamentos entre as mulheres pode ser parcialmente atribuída à exploração pela propaganda de medicamentos, de papéis atribuídos às mulheres, dentre eles o de prover a saúde da família.

Com a finalidade de caracterizar a percepção dos estudantes do primeiro e oitavo período de graduação em Farmácia sobre o uso racional de medicamentos, foi realizado um estudo com 62 alunos, sendo 31 do primeiro período e 31 do oitavo período. Constatou-se que quase não houve diferença na adoção da prática da automedicação entre os acadêmicos do primeiro e oitavo período, no entanto, os alunos do oitavo período demonstraram ter maior segurança na prática da automedicação, o que permite concluir que quanto maior o acesso às informações e ao conhecimento, maior é a segurança ao praticar a automedicação. (MUSIAL et al., 2007)

A automedicação entre os alunos da área da saúde pode se tornar maior pelo fato de apresentarem maior conhecimento através das aulas e estudos relacionadas à medicamentos e sua farmacologia . O acúmulo de conhecimento geral, juntamente com experiência de vida, faz com que a pessoa se torne mais confiante e segura para se automedicar. Estudos demonstram que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam. (VILARIANO et al., 1998)

2.5 AUTOMEDICAÇÃO E O MARKETING

Propaganda e publicidade podem ser definidas como um conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão com o objetivo de divulgar conhecimentos, tornar mais conhecido ou prestigiado determinado produto ou marca (BRASIL, 2008). Neste sentido, a propaganda de medicamentos tem como objetivo principal persuadir e incentivar o consumo do produto em toda a cadeia do medicamento desde o prescrito, passando pelo dispensador, até o usuário, incentivando a compra de um determinado produto, mesmo que para isso tenha que criar uma nova necessidade, induzindo a automedicação, ao uso irracional de medicamentos que podem agravar patologias ou sintomas. (CUSTODIO et al., 2005)

É proibido fazer merchandising de qualquer medicamento, como por exemplo, em novelas, mostrando pessoas consumindo medicamentos, sugerir que o medicamento traz bem-estar ou possua características organolépticas agradáveis, tais como: "saboroso", "gostoso", "delicioso" ou expressões equivalentes, bem como a inclusão de imagens ou figuras que remetam à indicação do sabor do medicamento. (BRASIL, 2008)

2.6 A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO NA AUTOMEDICAÇÃO

A Assistência Farmacêutica é o conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, tanto individual como coletiva, tendo o medicamento como insumo essencial e visando ao acesso e ao seu uso racional. Este conjunto envolve a pesquisa, o desenvolvimento e a produção de medicamentos e insumos, bem como a sua seleção, programação, aquisição,

distribuição, dispensação, garantia da qualidade dos produtos e serviços, acompanhamento e avaliação da sua utilização, na perspectiva da obtenção de resultados concretos e da melhoria da qualidade de vida da população. (BRASIL, 2004)

O profissional farmacêutico deve possuir conhecimentos essenciais, atitudes e habilidades que o permitam integrar-se à equipe de saúde e interagir com o paciente e a comunidade, contribuindo para qualidade de vida desses, através da otimização da fármaco terapia e o uso racional de medicamentos. Na Atenção Farmacêutica o paciente é o principal beneficiário das ações do farmacêutico. (MARIN, 2002)

Segundo, Aquino et al., (2008), alguns profissionais de saúde não têm acesso a informações a respeito da segurança dos fármacos. Alguns sequer conhecem os possíveis efeitos nocivos do que indica, ou não sabe identificar nem prevenir corretamente as combinações entre as substâncias farmacológicas. Por outro lado, alguns pacientes são acompanhados por vários médicos, sem que esses saibam o que o outro receitou, e na maioria das vezes fazem uma mistura de medicações, onde o profissional não sabe e acaba contribuindo para a automedicação do paciente. A automedicação orientada pelo farmacêutico é vista atualmente como uma realidade irreversível e já é considerada como parte integrante dos sistemas de saúde onde se engloba a farmácia clínica. De forma que permita uma maior autonomia por parte da população nos cuidados com sua própria saúde e colabora com os governos na medida em que evita um grande número de consultas médicas.

Em estudo de Silva et al., (2008), ficou evidenciado as características da prática profissional dos responsáveis pela dispensação de medicamentos em farmácias e pontos de distribuição. Pode se observar que o tempo de atividade no setor e a formação do profissional são fatores que podem contribuir para o aumento da automedicação, tendo sido demonstrado que quanto maior o tempo de trabalho na área e menor a qualificação profissional, maior o percentual de indicação de medicamentos sem prescrição.

A automedicação orientada pelo farmacêutico permite uma maior segurança ao paciente, onde o mesmo é alertado sobre os possíveis efeitos da prática contínua da automedicação, fornece maior autonomia por parte da população nos cuidados

com sua própria saúde e colabora com os governos na medida em que evita um número insustentável de consultas médicas. (CIM, 2007)

O farmacêutico atual opera no cuidado direto ao paciente, promove o uso racional de medicamentos e de outras tecnologias em saúde, redefinindo sua prática a partir das necessidades dos pacientes, família, cuidadores e sociedade. (BRASIL, 2013)

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a prática da automedicação em universitários de uma faculdade de Ariquemes, Rondônia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar se os universitários praticam a automedicação;
- Se praticar a automedicação, averiguar com que frequência é feita, e se são conscientes dos riscos que essa prática pode causar;
- Identificar as principais classes de medicamentos utilizados pelos pesquisados quando praticam a automedicação.

4 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de prevalência, descritivo do tipo transversal quantitativo. Realizado em uma Faculdade na cidade de Ariquemes, Rondônia no mês de agosto de 2014. Foi aplicado um questionário à 120 acadêmicos de ambos os sexos, sendo distribuídos entre os cursos de farmácia, enfermagem, fisioterapia, psicologia, química e educação física.

Os acadêmicos receberam esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e, os que aceitaram participar, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e em seguida responderam o questionário (Anexo) para verificar a prevalência da automedicação praticada pelos estudantes universitários.

Quanto ao critério de inclusão, os acadêmicos deveriam ter idade igual ou superior a 18 anos, além de concordar com a participação na pesquisa.

Este projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, Rondônia, Protocolo N° 731.797.

A análise estatística dos resultados foi realizada por meio de aplicação do teste Qui-quadrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1- Característica da Automedicação, segundo o sexo.

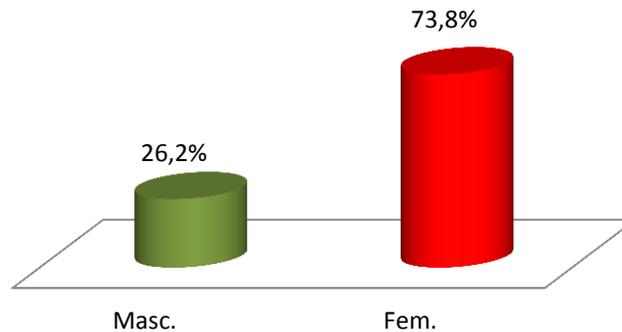


Figura 1: Sexo e Automedicação

Fonte: Próprio autor

A automedicação é uma prática universal, é independente do grau socioeconômico, e neste estudo pode-se observar o alto índice de automedicação entre os estudantes. O perfil dos entrevistados evidenciou que o maior número de participantes era do sexo feminino (73,8%), e os outros 26,2% eram do sexo masculino. Este estudo vai de encontro com a pesquisa realizada por Aquino et al., (2010), onde foi evidenciado que o maior número de pessoas que praticam a automedicação é do sexo feminino (61,4%). Segundo Arrais (1997) no Brasil, a automedicação é praticada principalmente pelas mulheres, na faixa etária dos 16 aos 45 anos de idade. E ao decorrer dos anos essa atividade continua consecutivamente. Na maioria dos estudos, a automedicação é praticada pelo sexo feminino. (VALENTE; GRAZIELA, 2009; SILVA et al., 2011)

Figura 2 - Mostra o hábito dos universitários em ingerir medicamentos sem orientação médica.

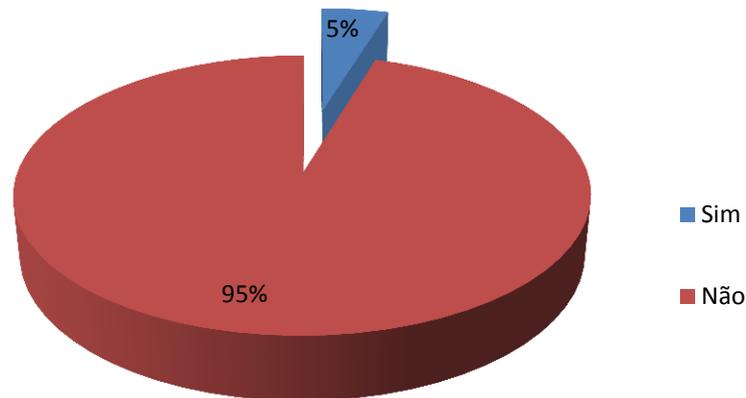


Figura 2: Medicamentos com Prescrição Médica

Fonte: Próprio autor

O consumo de medicamentos sem prescrição médica, entre os entrevistados, foi de 95% e apenas 5% foram prescritos pelo médico. Em pesquisa realizada por Aquino et al., (2010) 70,8% dos entrevistados alegaram fazer o uso de medicamentos sem receita médica, pelo conhecimento acerca do medicamento ou por usá-lo há muito tempo. Alegam falta de tempo de recorrer ao médico, devido à demora no acesso ao sistema de saúde, razões financeiras, comodidade, além de não sentir necessidade de procurar ajuda médica. Grande parte dos entrevistados alegaram se aconselhar com terceiros para tomar medicações, bem como, parentes, amigos, vizinhos.

Figura 3 - Apresenta a frequência da automedicação dos entrevistados.

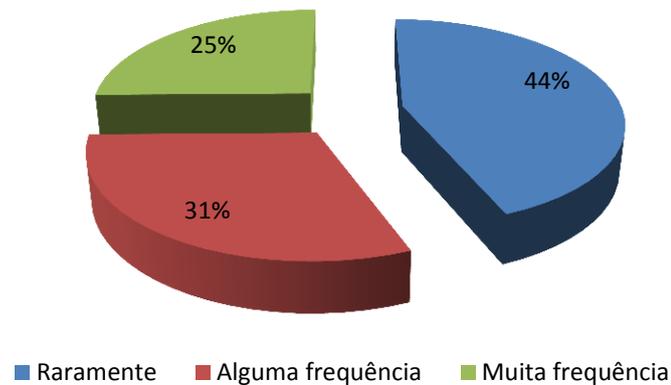


Figura 3: Frequência da Automedicação no Último Ano
Fonte: Próprio autor

O gráfico acima demonstra a prática (frequência) da automedicação, onde 44% afirmaram ter recorrido a automedicação raramente, 31% com alguma frequência e 25% com muita frequência. De acordo com o trabalho de Galato, et al, 95% dos entrevistados já realizaram essa prática em algum momento da vida. Por mais que a automedicação seja um autocuidado, essa deve ser realizada de modo responsável, de forma racional, e sempre estar atento a possíveis reações.

Figura 4 - Apresenta em porcentagem, os entrevistados que relataram sentir problemas com a automedicação.

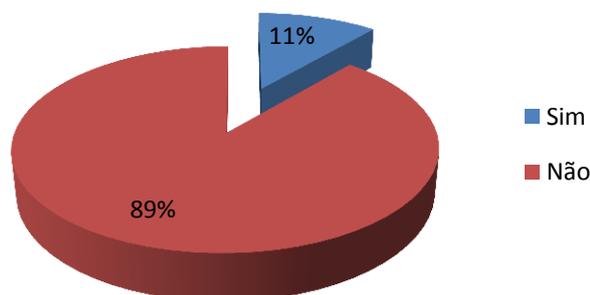


Figura 4: Problemas Relacionados à Automedicação
Fonte: Próprio autor

Com relação em sentir algum problema ao recorrer à automedicação, 89% dos entrevistados alegaram não ter sentido nenhum problema a praticar a

automedicação, apenas 11% afirmaram apresentar algum problema. Este trabalho se aproxima do encontrado por Galato et al., (2012) onde 6,4% dos pesquisados relataram problemas durante a prática da automedicação. Sendo uma prática intensa com estudantes da área de saúde.

- O consumo De Medicamentos Sem Receita Médica

Infelizmente, a maioria das pessoas possuem o hábito de se automedicar em alguma situação. Dificilmente alguém vai ao médico por uma simples dor de cabeça ou resfriado, sendo esses o alvo da automedicação. Cem por cento dos entrevistados afirmaram ter feito uso de medicamentos sem receita médica. Pesquisa realizada por Chehuen et al.,(2006) constatou que é alto o índice de automedicação entre estudantes de medicina, onde a compra de medicamentos sem receitas é comum entre os mesmos, sendo que a maioria dos estudantes não julgam necessário procurar orientação médica para o uso de medicamentos.

Conforme estudo realizado por Servidoni et al., (2006) 83% das pessoas, em algum momento, já usaram ou compraram medicamentos sem apresentação médica. Mesmo que esses medicamentos não exija “apresentação obrigatória” de receita médica, não quer dizer que esses estejam isentos de riscos, ou que sejam menos importantes que aqueles cujo possui um controle especial, rigoroso.

Figura 5 - Apresenta o conhecimento sobre as contra-indicações e os efeitos colaterais dos medicamentos.

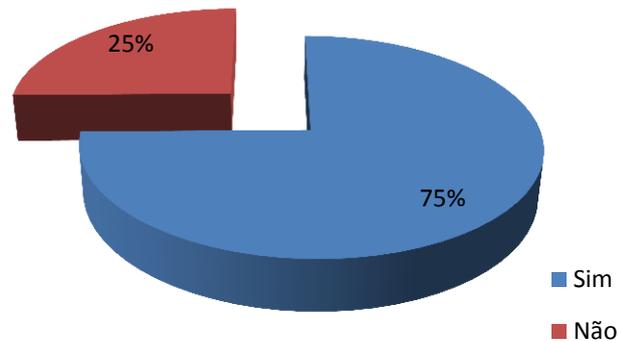


Figura 5: Conhecimento dos efeitos adversos

Fonte: Próprio autor

O grau de conhecimento, incluindo experiência de vida, torna o indivíduo mais confiante e seguro para praticar a automedicação (VILARINO et al.,1998). Dados mostraram que 75% dos entrevistados alegaram ter conhecimento sobre os possíveis efeitos adversos, e mesmo conhecendo os riscos que representam à saúde, as pessoas continuam se automedicando. E apenas 25% disseram não ter conhecimento sobre os efeitos adversos dos medicamentos. De acordo com Sarti et al., (2012) 13% relataram ter conhecimento dos possíveis efeitos colaterais provocados pela automedicação e que 67% confirmaram desconhecer os riscos causados pela automedicação.

Este estudo difere da pesquisa realizada por Jesus et al., (2011), onde os acadêmicos entrevistados acreditavam ter conhecimento suficiente para praticarem a automedicação, afirmando ainda, consciência dos efeitos adversos que essa prática pode provocar. Pode se observar que as pessoas que alegam ter conhecimento sobre os efeitos adversos, são estudantes da área da saúde. Em estudo feito por Ribeiro et al., (2010), houve um fato considerável, onde os entrevistados avaliaram a automedicação como nociva a saúde. Isso abre caminho para inserção de campanhas educativas relacionadas ao uso irracional de medicamentos nas comunidades.

Figura 6 - Ilustra as classes de medicamentos mais utilizadas pelos entrevistados.

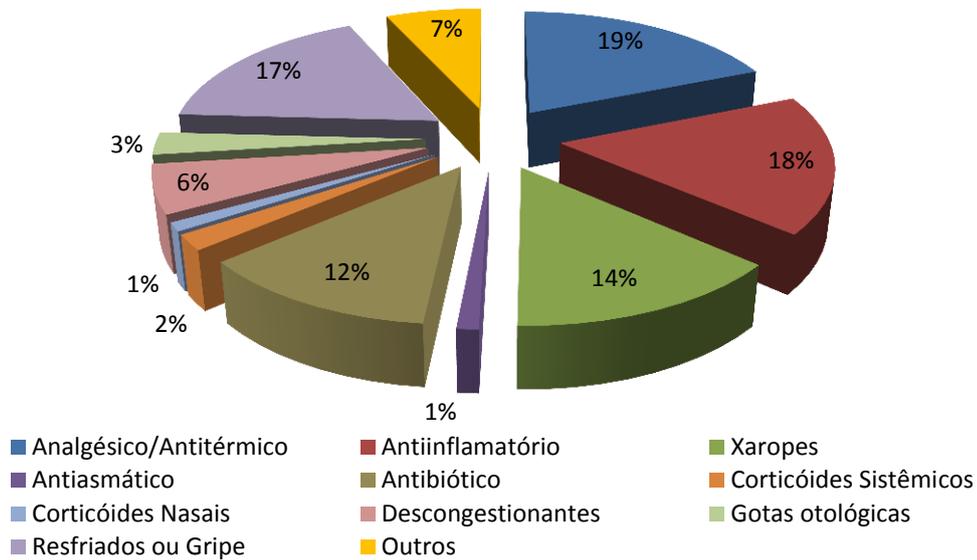


Figura 6: Classes de Medicamentos mais Utilizadas na Automedicação

Fonte: Próprio autor

Este estudo observou que 19% dos entrevistados fizeram o uso de analgésicos/antitérmico, 18% de antiinflamatório, 14% fez uso de xaropes, 17% resfriados ou gripe, 12% antibióticos, 7% outros, 6% descongestionantes, 3% gotas otológicas, 2% corticóides sistêmicos e 1% corticoides nasais. O que também foi evidenciado por Silva et al., (2011), e Valente et al., (2009). Os estudantes relataram sintomas bastante comuns relatados em outros estudos, como gripe e dores de cabeça.

CONCLUSÃO

No presente estudo observou-se alta frequência de automedicação pelos universitários. Sendo essa prática mais frequente no sexo feminino. Ainda pode se observar que a maioria dos participantes apresentaram conhecimento sobre os efeitos adversos que essa prática pode causar, pois, acredita-se que o fato dessa população possuir maior conhecimento sobre medicamentos, por serem maioria estudantes da área da saúde. Mas isso não os isenta dos riscos inerentes a tal prática.

Vale salientar que os universitários constituem uma amostra privilegiada não tão somente em termos de escolaridade, mas também de conhecimento em relação aos cuidados com a saúde. Ficou claro a necessidade de novas pesquisas para medidas estratégicas e educativas de saúde para população, isso pode ser obtido por meio de políticas públicas de saúde, de modo a prestar orientações sobre o uso racional de medicamentos.

A maioria da população recorre a prática da automedicação pela dificuldade e demora ao acesso dos serviços de saúde. Aqui surge a importância do farmacêutico presente na farmácia, visando o estabelecimento farmacêutico, como um estabelecimento de saúde. A automedicação deve ser orientada por um profissional farmacêutico, onde ele vai orientar o paciente em como estar tomando o medicamento sem que possa causar problemas, bem como, intoxicação por dose exacerbada, seu papel é fundamental na sociedade. Tendo a capacidade de sensibilizar o paciente para a um estilo de vida mais saudável, ele consegue detectar os problemas de saúde, pois o farmacêutico é o profissional mais próximo da sociedade, e ainda pode convencer sobre uso racional de medicamentos. Então, ao dispensar o medicamento, o paciente deve ser orientado sobre a posologia, dosagem, alertando sobre os possíveis efeitos adversos e mostrando a necessidade de aderir ao tratamento para que o mesmo tenha efeito.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, O. S.; COELHO, H. L.; BATISTA, M. C. Perfil da Automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública.** 1997; 31(1):71-7.

AQUINO, Daniela Silva; Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciênc. saúde coletiva.** vol.13 suppl.0 Rio de Janeiro Apr. 2008.

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n. 5, p. 2533-2538, ago.2010.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti; SOUZA, Juliana Medeiros; VAGAS, Cleidson; et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Rev Paul Pediatr** 2010;28(3):262-8.

BORTOLON, Paula Chagas; KARNIKOWSKI, Margô Gomes O.; ASSIS, Mônica. Automedicação Versus Indicação Farmacêutica: O Profissional de Farmácia na Atenção à Saúde do Idoso. **Revista APS**, v.10, n.2, p. 200-209, jul./dez. 2007.

BRASIL, Conselho Federal de Farmácia; **Resolução Nº 585 de 29 de Agosto de 2013.**

BRASILa. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Informações Toxicológicas Farmacológicas (SINITOX). **Casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico e faixa etária no Brasil em 2009.** Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/media/tab07_brasil_2009.pdf>. Acesso em: 20 de novembro, 2014.

BRASILb. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Informações Toxicológicas Farmacológicas (SINITOX). **Casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico e circunstância no Brasil em 2009.** Rio de Janeiro, RJ, 2009

Disponível em: <http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/media/tab06_brasil_2009.pdf>. Acesso em: 20 de novembro, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relação Nacional de Medicamentos Essenciais**. 6. ed. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 338, de 6 de maio de 2004**. Diário Oficial da União, 20 maio 2004.

CAVALCANTE, Horacina M. M.; MAMEDE, Maria E. S.; FREITAS, Francisco O. R, et al. **Avaliação da prática de automedicação** [2000?]. Disponível em: <http://coopex.fiponline.com.br/images/arquivos/documentos/1278562145.pdf> . Acesso em: 15 de outubro, 2014.

CHEHUEN NETO, J.A. et al. Automedicação entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Revista, Juiz de Fora**, v.32,n.3,p.59-64,jul./set.2006. Disponível em: <<http://www.aps.ufjf.br/index.php/hurevista/article/viewFile/18/13> >. Acesso em: 20 de outubro, 2014.

CIM. Centro de Informação sobre Medicamentos. **Avaliação de problemas de saúde leves e autolimitados**. CIMFormando nº 02 - Mai/Jun/Jul/Ago de 2007.

CÔRREA, Anderson Domingues; CAMINHA, Juliana dos Reis; SOUZA, Cristina Alves Magalhães; et al. Uma Abordagem Sobre o Uso de Medicamentos nos Livros Didáticos de Biologia como Estratégia de Promoção de saúde. **Ciênc. saúde coletiva** vol.18 n.10 Rio de Janeiro Oct. 2013

CUSTÓDIO, B. B.; VARGAS, S. L. Z. **Medicamento e lucro: uma associação pouco saudável**. Maio/2005. 61 f. Monografia (Especialista em Vigilância Sanitária de Medicamentos). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários, a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17 (12): 3323-3330, 2012.

JESUS, Ana Paula G. A. S.; YOSHIDA, Nathália Cristina P. **Prevalência da Automedicação Entre os Acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Farmácia da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Farmácia; 2011.

MARIN, N. Educação farmacêutica nas Américas. **Revista Olho Mágico, Londrina**, v. 9, n.1, p. 41-43, 2002.

MUSIAL, D. C.; DUTRA, J. S.; BECKER, T. C. A. A automedicação entre os brasileiros. **Revista de Saúde e Biologia**, v. 2, n. 2, p. 5-8, 2007.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva; CASTRO, Lia Lusitana Cardoso; CARVALHO, Christine Maria Soares; et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência saúde coletiva**. Vol. 15 supl.1 Rio de Janeiro, junho de 2010.

NERES, Bruna. S. I.; FIGUEREDO, Larruama S.; FILHO Manoel Dias S. et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior de Teresina. **ConScientiae Saúde**, v.9, n. 1, p. 33-37, 2010.

Disponível

em:

<<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/saude/article/viewFile/2119/1709>>.

Acesso em: 20 de outubro, 2014.

OLIVEIRA, Andréia Lúcia Martins; PELÓGIA, Naiara Correia Cusma. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. **Rev Dor. São Paulo**, 2011 abr-jun;12(2):99-103.

REY, L. **Dicionário de termos técnicos de medicamentos de medicina e saúde**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1997.

RIBEIRO, Maria Isabel; OLICEIRA, Alexandrina; SILVA, Hugo; *et al.* Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v.28, n.1, p.41-48, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087090252010000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 21 de novembro

SARTI, Alinne; SILVA, Samanta Cordeiro; POPE, Shaista; et al. **Evidenciando a Automedicação Numa Drogaria da Região Sul da Cidade de São Paulo – SP.** *Saúde em Foco*, 30 - 36, 2012. DISPONÍVEL: <<http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/saude/saude2012/automedicacao.pdf>> Acesso em: 20 out. 2014

SCHMID, Bianca; BERNAL, Regina; SILVA, Nilza Nunes. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Rev. Saúde Pública** vol.44 no. 6 São Paulo Dec. 2010.

SERVIDONI, Alexandre Barbosa; COELHO, Liliane; NAVARRO, Marcos Lima; et al. Perfil da Automedicação nos Pacientes Otorrinolaringológicos. **Ver Bras Otorrinolaringol** 2006;72(1):83-8

SILVA, José Cordeiro Silva; GOMES, Alzira Leite; OLIVEIRA, João Paulo Santiago; et al. Prevalência de Automedicação e os Fatores Associados Entre os Usuários de um Centro de Saúde Universitário. **Ver Bras Clin Med. São Paulo**, 2013 jan-mar;11(1):27-30

SILVA, Ilane Magalhães; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; MATOS, Vânia Cordeiro; et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, (16) Supl,1):1651-1660, 2011.

SILVA, Sales Lucas Freitas; COSTA, Ana Maria Duarte Dias; TERRA, Fábio de Souza; et al. **Automedicação em Acadêmicos de Cursos de Graduação da Área da Saúde de uma Universidade Privada do Sul do Estado de Minas Gerais.** *Odontol. Clín.-Cient.* (Online) vol.10 no.1 Recife Jan./Mar. 2011. Disponível

em:http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167738882011000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 de outubro, 2014.

SILVA, Rafaella Arcoverde; MARQUES, Flávia Duarte; GOES, Paulo Sávio Angeiras, et al. Fatores Associados à Automedicação em Dor de Dente: Análise a Partir dos Profissionais dos Estabelecimentos Farmacêuticos da Cidade do Recife, PE. **Ciênc. saúde coletiva** v.13 supl.0 Rio de Janeiro abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000700019&script=sci_arttext. Acesso em: 18 de outubro, 2014.

TOURINHO, Francis S. V.; BUCARETCHI, Fábio; STEOHAN, Celso; et al. **Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes**. J. Pediatr. (Rio J.) vol.84 no.5 Porto Alegre Sept./Oct. 2008

VALENTE, Rejane.; GRAZIELA, Lea. **Percepção dos estudantes do primeiro e oitavo semestres do curso de graduação em farmácia sobre o uso racional de medicamentos**. Cenarium Farmacêutico, Brasília, ano 3, n. 3, maio/nov. 2009. Disponível:http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/farmacia/cenarium_03_05.pdf. Acesso em: 20 de outubro, 2014

VILARIANO, Jorge F; SOARES, Iberê C.; Silveira, Cristiane M., et al. Perfil da Automedicação em Município do Sul do Brasil. **Rev. Saúde Pública** vol. 32 no. 1 SãoPaulo Feb. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101998000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 8 de novembro, 2014.

ANEXO